NEIBA
VOLUME VI, N.1
DEZEMBRO
2017

GASTRONOMIA EM FOZ DO IGUAÇU: ASPECTOS FUNCIONAIS E RELACIONAIS DA INTERCULTURALIDADE

Fagner Barbosa Pimentel

Vínculo Institucional: Mestre em Integração Contemporânea da América Latina, UNILA

Resumo:
O conceito de interculturalidade, como base para compreensão da dinâmica social à qual estamos inseridos, possibilita analisar relações de diversos e diferentes grupos sociais que compõem nossos cotidiano cultural. Pensar os aspectos funcionais e relacionais da interculturalidade, a partir desta realidade, é uma forma de evitarmos julgar os outros direcionando nossos atos em busca de um futuro que supere as dificuldades da vida em sociedade. O presente texto busca analisar a gastronomia em Foz do Iguaçu como ferramenta de integração através da interculturalidade em seus aspectos funcionais e relacionais. Diante dessa problemática, temos como objeto de pesquisa a Rafain Churrascaria expressada pela trajetória histórica do Oeste do Paraná e os empresários pioneiros nos setores de turismo e hotelaria.

Palavras-chaves:
Interculturalidade; Foz do Iguaçu; Gastronomia

Abstract:
The concept of interculturality as a basis for understanding the social dynamics to which we are inserted makes it possible to analyze the relationships of different and different social groups that make up our cultural values. Thinking about the functional and relational aspects of interculturality from this reality is a way to avoid judging others by directing our actions in search of a future that overcomes the difficulties of life in society. The present text seeks to analyze gastronomy in Foz do Iguaçu as a tool for integration through interculturality in its functional and relational aspects. Faced with this problem, we have as research object the Rafain Churrascaria expressed by the historical trajectory of the West of Paraná and the pioneer entrepreneurs in the tourism and hotel sectors.

Keywords:
Interculturality; Foz do Iguaçu; Gastronomy

Introdução

A dinâmica intercultural da cidade de Foz do Iguaçu, localizada no extremo oeste do Estado do Paraná impressiona e intriga os visitantes. Formando uma tríplice fronteira com Ciudad del Este no Paraguai e Puerto Iguazu na Argentina, esta região de características pluriculturais, abarca imigrantes árabes (libaneses, sírios, palestinos, entre outros), japoneses, taiwaneses, chineses, franceses, haitianos, guaranis de diferentes etnias, além de brasileiros de todos os Estados do país.

O espetáculo das Cataratas do Iguaçu, a Itaipu Binacional e a zona franca de Ciudad del Este, Paraguai, atraem milhares de turistas, caracterizando uma região cosmopolita que, de acordo com dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 2017), possui 263.915 habitantes e caracteriza-se por sua diversidade cultural, que engloba mais de 72 das 198 nacionalidades existentes no mundo.

Em entrevista concedida a duas revistas locais, a jornalista paranaense Áurea Cunha, responsável pela exposição fotográfica "Todas as cores do Mundo", desvela a pluriculturalidade cosmopolita de Foz do Iguaçu, quando afirma:

> *[...] Foz do Iguaçu confirma sua vocação voltada para o cosmopolitismo, não apenas pela disposição geográfica da região, onde o trânsito por três países é espontâneo, mas, pela variedade de nações que aqui plantaram raízes. Em um tempo onde os conflitos políticos e a intolerância crescem, a cidade é exemplo de como as diferenças podem conviver e interagir pacificamente. O sentimento de tolerância solidária talvez seja a palavra-chave para a mudança deste mundo cada vez mais indiferente às contribuições dos nossos semelhantes (GUATÁ; H2FOZ, 2006 apud KLAUCK; SZEKUT, 2012, p. 167)*

A indústria turística é fonte da economia nesta cidade, considerado o segundo destino mais visitado do Brasil por turistas de todo o mundo, apresentando um complexo hoteleiro que apenas perde para cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, tornando-se o município com a mais completa infraestrutura urbana dentre as fronteiras da América do Sul. Ruas repletas de restaurantes, em que se mesclam pratos típicos das diversas culturas aos ingredientes locais, regionais, nacionais e internacionais, aos diferentes clientes da região e aos turistas. Assim, a gastronomia como atrativo turístico proporciona ao visitante o contraste cultural dos hábitos alimentares, possibilitando a manifestação das múltiplas expressões culturais.

A metodologia é uma parte relevante e essencial de um estudo, composta de um conjunto de abordagens e métodos que colaboram para a investigação de um problema específico. Sob estas orientações, os procedimentos metodológicos consistem em uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, instrumentalizada pela observação participante não sistemática e aplicação de entrevistas semiestruturadas. Inicialmente, realizaremos a revisão de literatura especializada sobre conceitos basilares para compreensão da temática, tais como interculturalidade, colonialidade/decolonialidade.

O cenário de pesquisa e sua relação com o turismo e a gastronomia servem de foco para a pesquisa pretendida, e, nesse sentido, utilizou-se a categoria interculturalidade para analisar se a gastronomia oferecida a turistas e moradores locais da cidade poderia tornar Foz do Iguaçu uma cidade intercultural, integrada por meio da alimentação. A partir dessa complexa multiculturalidade, buscamos abordar a temática da gastronomia como ferramenta de integração em Foz do Iguaçu, pela via da interculturalidade delineando seus aspectos funcionais e relacionais simbolizados pela trajetória histórica do Oeste do Paraná e os empresários pioneiros nos setores de turismo e hotelaria. Assim, escolhemos como

cenário de pesquisa a Rafain Churrascaria; a nossa analise focou dois espetáculos para turistas e moradores da cidade, apresentados neste local: Show Latino-americano e Iporã Show. Entrevistamos pessoas que trabalham na churrascaria, turistas, moradores da cidade e duas indígenas, uma colombiana, de descendência misak (guambiana), e outra guarani kaiowá.

O município de Foz do Iguaçu apresenta mais de 72 grupos étnicos definidos percentualmente em: brancos 67,9%, pardos 26,2%, negros 2,6%, amarelos 2,8% e indígenas 0,5%, mapa que auxilia a entender que as relações de poder na cidade estão pautadas pelos brancos principalmente e depois pelos mestiços, chamados de pardos, configurando mais de 90% da população de Foz do Iguaçu. (IPARDES, 2017).

A partir desses dados, pressupõem-se as diferentes colonialidades que perpassam esta ambiência, perpassada pelos conceitos da colonialidade do poder, do saber, do ser, e da natureza. De acordo com Quijano (2007, pp.93-94), a colonialidade, como um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista "se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como una piedra angular del referido patrón de poder, y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas de la existencia cotidiana y la escala social. Se origina y se mundializa a partir de América. "

> *Colonialidad del saber: el posicionamento del eurocentrismo como la perspectiva única del conocimiento, la que descarta la existencia y visibilidade de otras racionalidades epistémicas y otros conocimientos que no sean los de los hombres blancos europeos y europeizados (...) Colonialidad del ser, un tercer eje, es la que se ejerce por medio de la inferiorización, subalterización y la deshumanización (...) Es a partir de esta racionalidad que se piensa el Estado nacional, históricamente haciendo que los pueblos y comunidades indígenas aparezcan como los bárbaros, no-modernos y no-civilizados, y los pueblos y comunidades negras - más que todo en la región andina - como no existentes o, en el mejor de los casos, extensión de los indígenas (...) Colonialidad de la madre naturaleza y de la vida misma. La que encuentra su base en la división binaria naturaleza/sociedade, descartando lo mágico-espiritual-social, la relación milenaria entre mundos biofísicos, humanos y espirituales, incluyendo el de los ancestros, la que da sustento a los sistemas integrales de vida y a la humanidad misma (WALSH, 2008, p.137).*

A gastronomia ofertada integra as pessoas principalmente de forma funcional ao sistema capitalista, sendo relacional, tal como o turismo, sem permitir fazer uma crítica ao Estado, ao capitalismo e à sociedade hegemônica branco-mestiça que se posiciona de forma hierárquica frente às comunidades indígenas, quilombolas e latino-americanas.

Compreende-se a interculturalidade relacional, portanto, como a incorporação ou inclusão da diversidade étnica dentro das estruturas sociais, políticas e de conhecimento existentes na cultura hegemônica, sem modificar a atual hegemonia dominante. O princípio relacional da interculturalidade coloca em andamento projetos para integrar culturas, sem realizar previamente uma crítica ao sistema que racializa e discrimina socialmente as diferentes culturas que aqui se entrecruzam.

Assim, acredita-se que, dessa forma, pode prevalecer uma segregação cultural como forma de relação apenas superficial entre as culturas, pois o Estado promove relações culturais, mas sem questionar a homogeneidade cultural por ele promovida. Desta forma, do ponto de vista relacional continua prevalecendo a sociedade hegemônica branco/mestiça eurocentrada e heteronormativa, por cima de outras culturas e etnias. Pontua-se, por conseguinte, que se o Estado promove a interculturalidade funcional, também o faz o capitalismo, por meio da gastronomia e o turismo.

Para Tubino (2015), a perspectiva de interculturalidade funcional reconhece a diversidade e as diferenças culturais, porém não crítica as estruturas racistas da sociedade, apenas tenta se apropriar de culturas denominadas "subalternas", para incluí-las no sistema capitalista e, por esse motivo, a interculturalidade seria "funcional" ao sistema existente, ao neoliberalismo.

Ressalta-se a importância da interculturalidade crítica como projeto social, que prioriza a decolonialidade do sistema dominante para o entendimento das diferentes culturas, instrumento político capaz de transformar instituições e relações sociais; e desta forma contribuir para a conscientização das culturas locais, bem como a forma em que a gastronomia pode ser usada como ferramenta para a interculturalidade, seja relacional ou crítica/decolonial na região.

Observa-se que essa relação é um fator determinante para que os setores da economia, provenientes do turismo e da gastronomia, sejam monopolizados pelos brancos e mestiços, proprietários de restaurantes que centralizam a oferta ao público em geral, turistas ou nativos. Os empresários da gastronomia de Foz do Iguaçu são brancos, tais como árabes, argentinos, brasileiros, chilenos, europeus e asiáticos. Uma gastronomia que explora setores não brancos, invisibiliza negros, indígenas e paraguaios, setores da sociedade que não estão representados diretamente pela gastronomia.

Uma gastronomia que utiliza saberes ancestrais indígenas e das comunidades afrodescendentes, representados nas tradições alimentares, porém camufladas em requintados pratos oferecidos como gastronomia local ou árabe, comidas em que ingredientes como caju, batata, mandioca e milho estão presentes.

Desta forma, por meio dos aspectos socioculturais da região do Oeste do Paraná, busca-se traçar a trajetória da formação social da cidade de Foz do Iguaçu, permitindo compreender a origem dos pioneiros desta região e, assim, detectar/avaliar o grau de colonialidade da comunidade.

1. Formação do Oeste do Paraná e a cidade de Foz do Iguaçu

Dentre os maiores impactos causados pela colonização do Oeste do Paraná encontra-se a invisibilidade de outras culturas não eurocentradas. Pelas análises de Wachowicz (1982), Foz do Iguaçu nasceu como ponto estratégico para proteger as fronteiras do país contra a presença de "vanguardas" das frentes argentinas e (ou) paraguaias de extração de mate e madeira, que invadiam o território brasileiro, por meio do sistema de obrages.

De acordo com Colodel (1988), o processo de exploração da erva-mate e da madeira do Oeste do Paraná era feito quase que de forma absoluta por mão-de-obra de companhias estrangeiras, paraguaios ou mensus.

> *A instalação da Colônia Militar, montada pelo Ministério da Guerra, desde o início, organizou o processo de defesa da fronteira, por meio do povoamento que foi realizado a partir da distribuição gratuita de terras da colônia para o desenvolvimento da atividade agrícola. Contudo, ainda conforme o mesmo pesquisador, esse processo caminha a passos lentos. (SOUZA, 2009, p. 33)*

De acordo com Militelli (2015), na segunda metade do século XIX a região foi colonizada para exploração de madeiras e da erva mate por companhias argentinas.

Assim, Foz do Iguaçu surge a partir de um contexto conflitivo e, até o início do século XX, a região era dominada por argentinos e paraguaios, com uma população inexpressiva de brasileiros.

Segundo WACHOWICZ (2001, p.246), "toda a região falava apenas espanhol e a moeda corrente era o peso argentino. Tal situação deixou o governo preocupado e o

General Mario Tourinho tomou as primeiras providências como a cobrança dos impostos apenas em moeda brasileira e documentos redigidos apenas em português."

Corrobora Fujimoto e Gastaldo (2011, p.2):

> *Foz do Iguaçu é uma cidade desenvolvida em um contexto bastante particular. Inicialmente dominada por argentinos e paraguaios que trabalhavam para as obrages no final do século XIX, teve seu território retomado pelo governo brasileiro para a manutenção da área sob seu domínio no começo do século XX. A partir de então, a cidade é povoada por companhias colonizadoras e começa a tomar forma.*

Colonizada principalmente por migrantes italianos e alemães, procedentes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, durante o período da Segunda Guerra Mundial, "quando ficou evidente que alguns setores do país necessitavam ser ampliados, entre eles, a industrialização, a indústria de base e a criação de uma fronteira agrícola forte." (PRIORI et al., 2012, p.83).

Neste contexto, aponta-se:

> *Trata-se de uma região colonizada durante o século XX por famílias de origem italiana, polonesa e alemã que aqui se estabeleceram, se apoderando da terra que ainda possuíam os indígenas da região; sociedade relacionada com estigmas e prejuízos do sistema/mundo/colonial/moderno, que trabalhou para dar lugar a um dos territórios marcados pela disputa territorial entre grileiros, posseiros, indígenas e pequenos proprietários, conflito que posteriormente configuraria a grande propriedade apta para o desenvolvimento do agronegócio, em detrimento de áreas que foram indígenas e de pequenos proprietários obrigados a abandonarem o pouco que possuíam (LEDEZMA MENESES, 2014, p.13)*

A sociedade originada no final do século XIX e início do século XX, marcada pelo preconceito, racismo, machismo e a discriminação social, manteve uma relação de exploração frente aos paraguaios, considerados índios guaranis e inferiorizados racialmente.

Composta por comerciantes comprometidos com turismo, gastronomia e setor hoteleiro, entre outros ramos do capitalismo, esta sociedade-elite se viu ameaçada por outros grupos que se estabelecem com a construção de Itaipu e as relações comerciais com Ciudad del Este, que se projeta como centro comercial desde a construção da Ponte da Amizade, no ano de 1965.

As possibilidades de comércio atraíram comerciantes árabes, de países diferentes da região do Oriente Médio, como Líbano, Síria, entre outros, e que também se posicionam no ramo do turismo e da gastronomia, especialmente, em aberta e acirrada competição com a elite pré-estabelecida em Foz do Iguaçu.

Neste contexto, a partir das concepções racistas do período, o Brasil adota políticas de branqueamento para "melhoria" da raça, incentivando a imigração europeia, incentivando a vinda de imigrantes do norte da Europa, no intuito de constituir família com negros, indígenas e sertanejos.

Pretendia-se que, em 200 anos, o Brasil ficasse mais ou menos branco, mestiços no caso, dando início ao Estado Nacional, projetado pelo homem branco, civilizado, da ordem e do progresso, rumo a assemelhar-se à Europa.

De acordo com Skidmore (1974), essas foram às políticas de branqueamento que o Brasil utilizou influência do

Darwinismo social. Desta forma, as constantes imigrações de europeus para região sul do Brasil desencadearam fortemente o racismo nesta região, fundamentados pela eugenia e os processos de branqueamento no Brasil e na América Latina.

Na região, praticamente todas as necessidades eram atendidas pela rica biodiversidade, na qual homens e mulheres identificavam-se com o estilo de vida rural e se relacionavam harmonicamente, acabaram sendo representadas como entrave ao progresso.

Ao longo destes processos que envolvem inúmeros contextos de formação social desta região, como entender uma aproximação dessas várias culturas aqui localizadas que, de todas as formas tem se construído, também, a partir do eixo de colonização iniciado no começo do século XX?

As culturas advindas em meados do século XX, que trouxeram outras formas de discriminação, descendem de um tronco comum judaico-cristão, que colonizou a Europa a partir da religiosidade, bem como etnocêntricas.

Outros povos latino-americanos, como os argentinos, paraguaios, chilenos estabelecidos na região trazem consigo, assim como os brasileiros, as marcas das diferentes colonialidades expostas. O indígena continua sendo o álter-ego da modernidade, a outra face da modernidade não percebida pelos estudos pós-estruturalistas/modernos, o lado perverso que não permite enxergar as estruturas do colonialismo como promotoras do racismo que acredita que indígenas, asiáticos e negros são inferiores.

O indígena é o "outro", a contraparte para esta modernidade se construir/projetar até a atualidade, aquela que não usa a razão e é considerado preguiçoso e incapaz e, por conseguinte, justifica-se o despojo de suas terras.

Refletindo sobre uma diversidade étnica epistémica, a categoria índio, desde sua complexidade étnica, de fato é sujeito bastante distinto, e, estranho, torna-se inferiorizado ou isolado.

Há diferenças linguísticas, práticas culturais diversas, costumes, rituais, organizações políticas, assim como meios específicos de interpretar cada uma dessas realidades de acordo com situações no seu passado histórico e suas circunstâncias presentes. Comunidades presentes, porém, ausentes frente aos olhares da sociedade hegemônica da região de Foz do Iguaçu.

> *A idealização do processo colonizatório inscreve esta região como terras virgens, deserto de gente, área abandonada, dentre outros adjetivos imputados ao território. Esta noção ignora a presença das comunidades indígenas como anterior às primeiras frentes de migrantes nacionais, negando a ancestralidade indígena sobre o território. Para os Guaranis, as terras onde emergem as cidades circundantes aos rios Iguaçu e Paraná, constituíam uma unidade espacial. O território dos povos originários desta região foi transformado em frações geográficas de três países: Paraguai, Brasil e Argentina (OLIVEIRA, 2012, pp. 21-23).*

Dessa forma, a sociedade do Oeste do Paraná e do município de Foz do Iguaçu formou-se na base da colonização, exploração de mão-de-obra paraguaia e a invasão de terras indígenas e quilombolas, de pequenos proprietários, dando início à formação de um dos maiores movimentos sociais da história do Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Nesse contexto, a Itaipu apenas se apresenta para ratificar a noção de progresso como sinônimo de civilização, de sociedade patriarcal eurocentrada, em que setores negros, indígenas, pobres, mulheres, população LGBT e camponeses não tem cabida.

Esta concepção poderia justificar o fato que, em uma das regiões mais visitadas do mundo devido às Cataratas, uma das sete maravilhas naturais, não haja conexão entre o turismo, a sociedade de Foz do Iguaçu e as comunidades indígenas presentes.

Invisíveis, marginalizadas e preteridas tanto pelos órgãos públicos quanto pelas outras culturas, que acreditam serem as únicas capazes de oferecer uma gastronomia moderna, baseada nas práticas da cozinha francesa, relacionada ao mundo da civilização, do futuro e que não representa os povos indígenas.

Para promoção da cultura indígena, sinônimo de atraso, faltam roteiros gastronômicos que exponham os costumes indígenas ligados também à cozinha ou à alimentação, assim como não há representação da cozinha ou gastronomia paraguaia, pois o nível de preconceito contra os habitantes desse país é gritante.

2.Gastronomias locais sob a perspectiva da interculturalidade relacional e funcional

A cidade de Foz de Iguaçu, fundada em 1914, completou em 2014 cem anos de existência. Percurso centenário no qual se foi estruturando uma sociedade chamada dos pioneiros; a estes se somaram outros integrantes ligados ao comércio e ao turismo, em diferentes épocas do século XX, empresas cujo auge se verifica na década de 1960. (CARVALHO, 2015).

A sociedade assentada fundou o sistema turístico, interligando a hotelaria e os restaurantes, infraestrutura sustentará a área gastronômica da cidade. Entre os pioneiros do turismo e da gastronomia, destacam-se o casal Frederico Engel e Elfrida Engel Nunes, que desembarcaram em Foz do Iguaçu na década de 1910. (MARTINS; RUSCHMANN, 2010).

Segundo as autoras, o casal fundou o primeiro hotel de Foz do Iguaçu, o Hotel Brasil (atual HSBC na Avenida Brasil), em que Santos Dumont se hospedou no ano de 1916, abriram a estrada das Cataratas e foram responsáveis pela estátua de Santos Dumont no Parque Nacional do Iguaçu. Menciona-se, ainda, Jorge Schimmelpfeng, nascido em 1876 em Curitiba/PR, nomeando posteriormente uma das mais importantes avenidas da cidade de Foz do Iguaçu e uma escola.

Descendente de alemães, militar, patente de coronel, foi vereador em Curitiba e instalou uma Comissão Fiscal na então Colônia Militar de Vila Iguaçu, quando aqui chegou em 1905, comerciante de erva-mate. Foi, ainda, o primeiro prefeito durante dez anos 1914/1924, deputado estadual, delegado de polícia e inspetor escolar. Como pioneiro nas áreas do turismo e hoteleira, construiu o primeiro hotel nas Cataratas do Iguaçu, Hotel dos Saltos.

Outro pioneiro foi Pedro Basso, por volta da década de 1920, empresário hoteleiro, inaugurou restaurantes, cinema e fabrica de gelo e foi o primeiro presidente da Associação Comercial. Na década de 1940, Ladislau Boiarski chegou em Foz do Iguaçu e, posteriormente, construiu com o irmão um hotel.

Entretanto, na década de 1960 desembarcariam em Foz do Iguaçu a maioria de empresários que colocaram a área da hotelaria, do turismo e da gastronomia em destaque, como por exemplo, Etelvino Salvatti, hoteleiro que chegou a Foz do Iguaçu em 1962, fundador do Hotel Salvatti.

Dentre estes, considera-se outros pioneiros, tal como Casemiro Rafagnin, que adquiriu uma churrascaria ao lado da Câmara Municipal; anos mais tarde, inaugurou a Churrascaria Rafain e outros hotéis. Atualmente, a família Rafagnin administra diversos empreendimentos na cidade, tais como o cinema no Cataratas JL Shopping e o extinto Iguassu

Boulevard, comandado por Nevio Morelo Rafagnin, que chegou também na década de 1960.[1]

De origem gaúcha, a família Rafagnin foi pioneira no ramo empresarial da região, em uma época em que a região do Paraná era vista como promissora, investindo nas terras do Oeste paranaense. A exemplo de outros que fracassaram na região, a família Rafagnin é hoje uma das mais tradicionais e bem-sucedidas de Foz do Iguaçu.

> *Filomena Morello Rafagnin lembrou, em depoimento ao jornalista Juvêncio Mazzarollo: – Fomos a São João da Urtiga (RS) tocar um bar com mesa de bilhar e lanchonete. Ali, alguém veio com a ideia de que lugar de futuro era o Paraná. O lugar indicado era Corbélia. Meu marido (Olímpio) veio ver e gostou. Achou que era um lugar de futuro para nós e nossos filhos. Fizemos a mudança em 1959. Corbélia era um vilarejo no meio do mato. Chegamos sem ter onde morar. Conseguimos uma casinha de madeira, construímos um hotel. Foi um bom negócio. Tinha boa freguesia porque na região havia muitos cafezais. Vinham negociantes de café de São Paulo, Rio Grande do Sul e se hospedavam em nosso hotel. Depois foram para Foz do Iguaçu e a história do sucesso da família é conhecida (SPERANÇA, s/d, não paginado)*

O pai, Olímpio Rafagnin, abriu uma churrascaria (Churrascaria dos Pampas) na cidade. Aos 16 anos, Nevio assumiu a gerência e no ano de1982, inaugurou a Churrascaria Oba Oba e, há 12 anos, o show latino-americano ganhou nova estrutura[2]:

> *O patriarca Olímpio Rafagnin chegou à cidade, Foz do Iguaçu, em 1959, e a primeira empresa da família foi um pequeno refeitório e hospedaria, com o objetivo de atender motoristas que traziam cargas de madeira para a exportação. A primeira empresa foi construída, onde hoje encontra-se o shopping, na Avenida Costa e Silva. Logo depois, veio a primeira churrascaria, na Rua Almirante Barroso, feita com sapê e revestido de costaneiras das madeiras e ganhou o nome de "Churrascaria dos Pampas". Foi neste estabelecimento que Olímpio Rafagnin deu trabalho a três irmãs paraguaias, que cantavam e tocavam instrumentos típicos; harpa e violão[3].*

A história, que começou com os patriarcas, teve continuidade com os filhos, netos e bisnetos. Os filhos de Olímpio Rafagnin começaram a trabalhar nas empresas do pai, percebendo as demandas da cidade turística e, com o passar do tempo, implantaram outros shows folclóricos do Paraguai, México, Peru, Bolívia, Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia e do Brasil.

Os negócios se alastraram para outros setores da economia como gastronomia, hospedagem, eventos e espetáculos. A Churrascaria Rafagnin Show, hoje, é gerenciada pelo primogênito da família, Névio Rafagnin[4].

> *A sua tradição e popularidade fazem desta churrascaria uma das melhores opções de Foz do Iguaçu. Durante o jantar o público ganha uma surpresa e que funciona como a melhor atração do Rafain: um maravilhoso e fascinante Show Latino-americano representando por artistas de diversos países como: Argentina, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru e Brasil o qual apresentam sua cultura através de apresentações*

[1] Informações retiradas do site Clickfoz. "Prêmio 100 Anos do Turismo", 2014. Disponível em: <http://www.clickfozdoiguacu.com.br/premio100anosdoturismo/perfil.html > Acesso em: 10 mai.2017.
[2] Informação disponibilizada pelo site Clickfoz. "Prêmio 100 Anos do Turismo", 2014. Disponível em: <http://www.clickfozdoiguacu.com.br/premio100anosdoturismo/perfil.html >. Acesso em: 10 mai.2017.
[3] Disponível em: <http://www.hlucas.com.br/blog/2016/10/07/>. Acesso em: 10 mai.2017.
[4] Idem anterior

folclóricas, danças e músicas um verdadeiro mosaico da riqueza da diversidade cultural de Foz do Iguaçu[5].

A seguir, busca-se demonstrar de que forma a Rafain Churrascaria[6] propõe, como um dos objetivos principais do seu estabelecimento, a integração latino-americana, a partir da exibição de diversos shows considerados como folclore.

Verificar, ainda, até que ponto a amostra gastronômica oferecida aos turistas e moradores de Foz do Iguaçu contribui para a implementação da integração pela via da interculturalidade relacional ou funcional.

3. Rafain Churrascaria Show

A partir dos questionamentos anteriores, as entrevistas foram realizadas no Rafain Churrascaria Show, após contatos iniciais. O *maitre* Romero Monteiro trabalha há seis anos no estabelecimento e há dezoito anos no ramo de gastronomia, atendendo ao público: conta um pouco de como e por quê surgiu a ideia de estabelecer em Foz do Iguaçu uma churrascaria, tendo como foco a proposta de integração entre os povos Latino Americanos:

> *A ideia foi do fundador dessa churrascaria, por ser Foz do Iguaçu uma cidade turística, mas que não tinha atrativos. O empresário, Olímpio Rafagnin, "teve a ideia de tentar mostrar a cara da América Latina através dos espetáculos realizados aqui. Começou com um show pequenininho e agora já alcançamos esse patamar que agora em dezembro vai entrar no livro dos recordes, o Guinness Book. (MONTEIRO)*

Quanto ao aspecto gastronômico do Rafain, afirma:

> *São várias as comidas oferecidas... da Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo e de outros países, como comida árabe e japonesa. Enfim, temos comida de várias culturas para interagir com todas as nacionalidades. (MONTEIRO)*

Para o diretor responsável pelo estabelecimento e descendente de Olímpio Rafagnin, Névio Rafagnin:

> *O espetáculo retrata a cultura, mas também a integração que temos com os povos dos países latinos. Queremos que o turista tenha um lugar e um motivo a mais para visitar e permanecer mais dias em Foz do Iguaçu.*

Figura 1Encenação na Rafain Churrascaria Show – 2016

Fonte: Acervo pessoal do Autor.

Atualmente, a Churrascaria oferece dois shows, o latino-americano e o Iporã show que são realizados de segunda a sábado. O show latino-americano mostra a música

5 Disponível em: <https://www.comboiguassu.com.br/produto/52/rafain-churrascaria---jantar-+-show>. Acesso em: 16 mai.2017.

6 No site oficial da churrascaria, lê-se: "Tradicional em Foz do Iguaçu desde 1959, localizada na Avenida das Cataratas, nº 1749, Vila Yolanda, a Rafain Churrascaria é um ambiente que junta gastronomia aliada a shows que fazem uma viajem artística cultural por vários estilos de músicas e danças da América do sul e do Brasil. Por meio de apresentações teatrais folclóricas, coreografias e figurinos tenta mostrar a história do povo, do surgimento e desenvolvimento da região. Os shows acontecem de segunda a sábado, temos um elenco com mais de 45 artistas. O nosso sistema é Buffet, Service - Service com os mais variados tipos de pratos". A casa abre de segunda a segunda para o almoço sem show, nos ferias prolongados abrimos nos domingos, o show tem início as 20:45hs com uma hora e trinta minutos de duração.

Disponível em: <http://www.rafainchurrascaria.com.br/home2/churrascaria.php>. Acesso em: 13 mai.2017.

e dança dos países da América Latina: Argentina Uruguai Paraguai Chile peru Bolívia, etc., e o segundo o Iporã, tenta apresentar a diversidade cultural de nove países da América Latina através de um espetáculo que mostra a Lenda das Cataratas, uma lenda guarani, através de uma interpretação teatral com dança.

4. Show Latino-americano

O Rafain Churrascaria promove um show de música e dança cujo objetivo, segundo o site oficial do restaurante, é permitir ao turista e moradores de Foz do Iguaçu que assistem ao espetáculo, fazerem uma viagem pela cultura e costumes de oito países da América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru, Uruguai).

Cultura que, na linguagem dos representantes da Churrascaria, assim como nas mídias disponíveis, surge como folclore, situação que nos remete à colonialidade do saber, pois, a partir da invasão e colonização, os elementos europeus estabeleceram-se como aspectos da cultura, perpassando os conhecimentos ancestrais dos povos indígenas e afroamericanos, filosofias e religiosidades, considerados como magia, cosmovisão e folclore.

> *O Show cobre a América Latina do México aos Pampas passando pela Paraguai, Argentina, Brasil, México, Bolívia, Peru, Chile e Uruguai. O palco é parte da surpresa, tem um cenário que conta uma história, tem o formato do rosto de índio asteca. As figuras laterais e bandeiras representam figuras indígenas, lembram os incas da América do Sul e termina com motivos guaranis. A fusão azteca-inca-guarani dá ao palco o sentimento de um templo das três culturas. As águas estão representadas no nariz do índio de onde sai uma pequena queda d'água*[7].

Destaca-se que o início do Show Latino-americano apresenta imagens dos povos indígenas astecas e incas e não os guaranis, que aparecem no final do espetáculo.

Dessa forma, a presença indígena no show se mostra por meio de imagens de indígenas que estão mortos. Incas, astecas e maias teriam sido exterminados durantes a conquista ibérica em terras de Abya-Yala, embora tenham sido representados nos livros didáticos como extraordinários em múltiplos aspectos (matemática, agricultura, tecnologia e na ciência em geral) e invocados à memória coletiva por meio de monumentos nacionais.

Evocando lugares como Machu Picchu/Peru, em que milhares de turistas fazem longas fileiras para admirar um passado que não representa perigo à modernidade. No entanto, os indígenas quéchuas peruanos, que se encontram à margem das rotas turísticas não são olhados/procurados, pois despertam desprezo e medo.

O show na Rafain Churrascaria apresenta inicialmente os incas e astecas e, posteriormente, os indígenas guaranis estereotipados, como se os últimos tivessem que ser legitimados por indígenas que, supostamente tiveram mais relevância, alcançado maior desenvolvimento cultural, enquanto que guaranis apenas teriam conseguido domesticar a mandioca. Denota-se que o show continua representando as análises historiográficas mais tradicionais, em que os povos das terras baixas seriam os menos evoluídos por não terem conseguido desenvolver grandes monumentos arquitetônicos.

Todavia, sabe-se que essas construções, como as pirâmides, representam opressão, hierarquias de poder e dominação, ao passo que os guaranis não viveram estas

[7] Site do Rafain Churrascaria Show. Disponível em: <http://www.rafainchurrascaria.com.br/home2/pacote.php?id=3> Acesso em: 01 mai.2017.

circunstâncias, conectados com a espiritualidade e a natureza, embora tenham desenvolvido consideravelmente a astronomia, tal como representado no Polo Astronômico da Itaipu (PTI). (SILVA, 2016).

Em seguida, a música do Paraguai é representada pela Arpa índia, instrumento típico de 36 cordas, bailarinas acompanham músicas paraguaias famosas como Pájaro Chogüy e a Danza de la Botella, dançando com seis garrafas sobre a cabeça.

Lentamente, o show se desloca para a região dos Andes, no Altiplano Boliviano-Peruano e Chileno, ao som das músicas mais famosas da região (El Condor Pasa, Carnavalito e outras), acompanhado por instrumentos musicais típicos da América do Sul: charango, bumbo, sampoñas e queña. A representação da América do Sul termina com um casal de bailarinos de tango.

A seguir, o espetáculo leva a plateia a território mexicano e o quadro "Viva México", como sendo a terra *del sombrero* e da tequila, com a música representada pelos Mariachis.

Para fazer a conexão entre América Latina e o Brasil, o show usa do Malambo, influência da cultura argentina no sul da América Latina, que corresponde a Uruguai e Brasil, especificamente do Estado do Rio Grande do Sul, em que um gaúcho estilizado demonstra sua destreza no show das boleadeiras.

A partir daí, flui a música Brasileira, representada com show de Samba, capoeira, malabarismo com pandeiro, mulatos, xaxado, Carmem Miranda e Baianas e mulatas.

No final do espetáculo, oportuniza-se ao espectador dançar e sambar com mulheres negras no meio das fantasias de carnaval. O restaurante também convida moradores dos municípios vizinhos dos três países fronteiriços (Brasil, Paraguai e Argentina). Os garçons também fazem parte do espetáculo.

Quanto aos clientes que frequentam o local:

> *A Rafain Churrascaria trabalha com diferentes classes sócias e faixa-etárias de idade, temos clientes na faixa-etária de cinco aos oitenta anos de idade. Aqui também é frequentado por todas as classes, inclusive, temos um preço diferenciado para o pessoal da cidade para proporcionar o acesso da comunidade local. O objetivo desses shows é integrar todas as nacionalidades da América, fazendo uma integração gostosa com os turistas da Europa que vem pra cá conhecer a história da América Latina. Esse é o nosso objetivo, integração das diferentes nacionalidades. Temos o apoio da Itaipu que é parceira para a realização de eventos culturais na cidade. (MONTEIRO)*

O entretenimento oferecido pelo empresariado local é parte da formação sociocultural introduzida na região.

Desta forma, a Rafain Churrascaria promove um conjunto de elementos integradores voltado para determinado contexto e determinado público, os turistas, mas também para os moradores locais. O discurso da empresa envolve a ideia de integração das nacionalidades e das diferentes regiões do Brasil.

Sabemos que a nação é uma tradição inventada, a qual necessariamente forjou culturas e identidades nacionais que dariam suporte ao Estado. A gastronomia veiculada pelo capitalismo utiliza diferentes mecanismos para conseguir determinar/influenciar identidades, no caso das três fronteiras, a criação de uma ideia de identidade latino-americana por meio da apresentação de um espetáculo que envolve um conceito manipulado pelos Estados nacionais, o nacionalismo.

Os representantes da Churrascaria Rafain afirmam tratar-se de um evento que busca integrar nacionalidades, e para tanto, resgata danças, músicas, bailes, entre outros,

daquilo que para os empresários, significa ou representa a nacionalidade de cada país.

No Show Latino-americano, os indígenas são representados de uma forma geral, sem se deter nas particularidades de cada grupo indígena que compõe a diversidade do continente. Embora, como assegura Lídia, turista, vinda de Brasília, em visita à Rafain Churrascaria:

> *Nesse show, a presença indígena é quase nula. A presença mais marcante do indígena foi na representação do México, houve uma dança muito bonita que envolve o Xamã. O indígena é muito pouco representado nesse show. Do Paraguai observa-se na apresentação aquele estigma do colonizador, daquelas roupas todas estampadas com saias grandes. Mas, assim, eu achei que iria ser muito marcante a presença indígena no show. O afro é representado com o Brasil através do Samba. O que mais se destaca nos shows são os aspectos culturais e folclóricos estigmatizados. A presença do negro aparece apenas no espetáculo brasileiro, por meio do samba; os indígenas peruanos, por exemplo, não são contemplados. (LIDIA)*

A entrevistada observa ainda que poderiam existir elementos integradores a serem resgatados, como a presença marcante indígena na América Latina; a presença africana representando a escravidão e colonização para, a partir daí, entrelaçar as formas de integração dos movimentos indígena e afroamericano, elementos históricos que poderiam ter sido representados de alguma outra forma para envolver a consciência de que somos todos frutos de uma colonização.

> *O que vi no show foi a representação de danças, da música que veio da Europa quando a invasão e colonização da América, como aquelas roupas típicas das colônias europeias, e alguns aspectos de músicas que, no Brasil, através do Samba, tem presença negra. O show é lindo, é envolvente, a música por si só envolve, existe uma apresentação bem preparada com a dança, isso acontece e é bem executado. Mas o fio condutor da Integração, dos elementos que contam a história da América, deixa muito a desejar. (LIDIA)*

Outra cliente da Rafain Churrascaria, Aldira, turista, também vinda de Brasília, revela:

> *Do show, a parte do Xamã foi a que mais gostei... o Xamã sendo reverenciado pelas indígenas... quando o Xamã vira as costas atrás é um pássaro... me emocionei muito.(ALDIRA)*

Colocando em questão a colonialidade como empecilho à interculturalidade crítica, podemos discutir essa problemática do ponto de vista do ocultamento, ou seja, pensado como uma escolha do que é bonito para ser representado. É mostrado aquilo que chama a atenção dos turistas, dos clientes em geral, o folclórico e exótico, o que poderia ter uma aproximação com a realidade é ocultado, como, por exemplo, a presença indígena guarani da região da assim chamada tríplice fronteira.

O sistema dominante e as colonialidades enraizadas nas diferentes sociedades latino-americana obedecem à lógica ocidental a que fomos submetidos; ocultar os indígenas por meio de uma dança ou espetáculo em que aparecem indígenas representados por mulheres e homens bailarinos profissionais, com corpos esculturais, a maioria brancos.

Os indígenas guarani, que na parte exterior da Churrascaria vendem artesanato, não são reconhecidos pelos visitantes; quando saem do restaurante, se deparam com indígenas que em nada se parecem com os representados como tais.

Um cliente, morador de Foz do Iguaçu, manifestou ter escutado um turista europeu, depois de ter assistido o

Show indígena, perguntar quem eram os que vendiam artesanato na parte externa do local.

Dessa forma, a Rafain Churrascaria integra os turistas e moradores de Foz do Iguaçu por meio de um espetáculo que caricaturiza os povos originários guarani e outras culturas latino-americanas. A integração se dá entre pessoas que acabam, assim, desconhecendo ainda mais a cultura e a história indígena da região e outras culturas da América Latina.

Neste local, a colonialidade do poder se torna evidente, pois os setores indígenas são reconhecidos apenas se representados por coreografias que distancia a realidade indígena do Brasil, obrigando a espectadores a acreditar numa história e culturas caricatas, pois se a Rafain Churrascaria montasse um espetáculo idealizado e representado pelos próprios guaranis, seguramente não teria afluência de público, pois os indígenas do Brasil continuam aparecendo como entrave ao progresso. Sabemos que na perspectiva dos povos originários, a base da representatividade passa por outras narrativas que sabiamente envolvem a coexistência de mundos e saberes, a interepistemologia.

Assim, evidenciamos a interculturalidade como dispositivos de relações políticas, sociais, epistêmicas das diferentes culturas dentro de uma lógica capitalista que oculta e distorce as tradições culturais de grupos historicamente excluídos. Geralmente as culturas subalternas costumam serem representadas através de um olhar colonial, ocultando outros fatos da história.

Um espetáculo utilizado pelos setores público-privado como vitrines capitalistas para obtenção de lucro, tal como na gastronomia local em Foz do Iguaçu, no caso da Rafain Churrascaria.

Este aspecto é abordado por Aldira:

> *No final do show tem as mulatas nuas, praticamente. Eu particularmente não gostei. Quando entraram as mulatas, eu falei: tá vendendo o Brasil de sempre. E aí fica aquela coisa do estereótipo. Chamavam os estrangeiros para subir no palco colocar a mão na cintura dela para dançar com o bumbum quase esfregando na cara dele. Em seguida elas descem e fazem aquele trenzinho, quase nua praticamente, e aí no final oferecem a mulata para tirar fotos com o público. Só na apresentação do Brasil que teve essa coisa para chamar pra subir no palco.(ALDIRA)*

Conforme observação dos relatos, torna-se evidente nas apresentações o culto ao Estado nacional e às nacionalidades. Sabemos que as danças típicas fazem parte de uma construção de culturas homogêneas criadas pelos Estados Nacionais na América Latina. Assim como foram homogeneizadas as religiosidades, as línguas, os costumes, etc., também tentaram fazer com as músicas regionais e as danças particulares de cada comarca latino-americana.

Este processo resultou na construção de danças típicas de cada país, e que estão representadas na Rafain Churrascaria. Por exemplo, uma dança ou música paraguaia não pode representar uma cultura paraguaia, quando, na verdade, representa apenas esse olhar colonial e representa outros fatos da história. Entendemos que no Paraguai há inúmeras danças e músicas, em cada uma das regiões que compõem o país. De toda forma, observa-se, são países que compartilham uma história comum: a colonização, que a Rafain Churrascaria não apresenta.

Para a cliente Aldira, o show deveria focalizar melhor a proposta da integração, ter elementos comuns entre os oito países que representaram a América Latina:

> *Deveriam enfatizar melhor os povos originários em cada início de apresentação dos países.*

E depois sim prosseguisse representando as diferentes culturas de cada País como quisessem. (ALDIRA)

Por sua parte, Lídia observou aspectos comuns das músicas que são de regiões diferentes do Brasil, a música festiva, dançante, aquela música em que o homem galanteia a mulher, com tom de nostalgia que é comum a todas as músicas, porém:

> *Embora seja um grande espetáculo, muito bonito por sinal. Mas não tem aquele elemento histórico que envolve a consciência de que somos todos frutos de uma colonização. Outra coisa é que os dançarinos, eles se repetem. Então me parece que é um grupo só, uma equipe só, que representa todos os países. De qualquer forma o menos europeu, além do México, foi o Brasil. Por causa do samba, do frevo, e da capoeira. O México interpretando os mariachis... Interessante que eles colocam a capoeira como a arte marcial brasileira, como a dança da resistência. Então Brasil e México foram às apresentações menos europeizadas. O resto foram o que eles trouxeram de lá pra cá.(LIDIA)*

Em entrevista concedida a Duarte e Gonzalez (2009, p.125), Raul Garnica, músico argentino, residente em Puerto Iguaçu, falecido em janeiro de 2015, fez dura crítica aos espetáculos da Tríplice Fronteira, afirmando que os músicos se acomodavam à enfadonha rotina artística do turismo, criticando "o sistema do Rafain de agrupar os músicos sob estereótipos latinos (paraguaios, mexicanos, peruanos, argentinos)" o que acabava pressionando-os no sentido de sempre fazer sempre a mesma coisa, repetindo seus espetáculos para os turistas.

Ou seja, a Churrascaria em questão, não consegue renovar o espetáculo, pois fazer isso significaria fazer críticas aos Shows que no momento apresenta, e quem sabe se enveredar pelos caminhos de uma promessa de integração não relacional, apenas de encontro de culturas estereotipadas que mal se reconhecem na vida cotidiana, na realidade das culturas e das identidades latino-americanas e brasileiras. Quanto à possibilidade de integração entre clientes da Rafain Churrascaria, os entrevistados responderam que não, pois a dinâmica entre show e jantar ao mesmo tempo impede a comunicação entre a clientela.

Enquanto as pessoas estão interessadas pelas comidas diferentes oferecidas, ao mesmo tempo estão seguindo o espetáculo, o que não permite algum tipo de olhar ou de diálogo entre clientes.

> *Isso impede a possibilidade de se relacionar. Você tem que estar se servindo, comendo e assistindo, Então a dinâmica da coisa não favorece (LIDIA)*
>
> *Ou você assiste ao Show ou dança (ALDIRA)*

Perguntou-se de que forma a culinária apresentada neste restaurante teria uma proposta de integração regional ou latino-americana:

> *A comida deveria contemplar os oito países, com certeza. Não tem sentido nenhum aquele jantar com a proposta. Volto a dizer, não tem o fio condutor de integração da história da nossa América. É a colonização sendo representada (LIDIA)*

O show latino-americano realiza um jantar com mais de 200 itens Gourmet, um buffer completo, segundo a Churrascaria, que busca comtemplar a comida de várias culturas para interagir com todas as nacionalidades. Quando consideramos a gastronomia como fator de integração, Lídia destaca:

> *Deixa muito a desejar, isso cria expectativa, né? Essa ideia de colocar oito países juntos em show. Não representar a gastronomia desses países é outra coisa que fiquei decepcionada... nem que fosse um petisco, uma bebida, pelo menos para degustar. De repente, sendo propositiva, no momento de cada*

apresentação fosse servida uma entradinha para que as pessoas consigam correlacionar a gastronomia com o País. As tradições alimentares indígenas foram muito pouco contempladas... o elemento indígena na festa, falta o elemento integrador que são os nativos (LIDIA)

A gastronomia oferecida pelo empresariado em Foz do Iguaçu, como sendo a local, é parte da formação sociocultural introduzida na região. Portanto, para entender como a Rafain Churrascaria lida com a ideia de integração por meio da gastronomia consideramos os fatores sociais, e, principalmente históricos, pois, como mencionado anteriormente, o Oeste do Paraná tem múltiplas ondas de colonizadores que em épocas diferentes tem chegado a esta região, especialmente a Foz do Iguaçu.

A história da região e a gastronomia local aqui ofertada estão relacionadas, pois conforme anotamos, os povos originários tem sido os mais atingidos pela colonização, pois, aos poucos foram ficando sem suas terras, até a construção de Itaipu que acaba desalojando a centenas de indígenas. Não é raro então que a gastronomia silencie a presença indígena na região; por esses motivos, pensamos, na Rafain Churrascaria, os elementos que envolvem as tradições alimentares indígenas também estão silenciadas, ou camufladas entre múltiplas comidas que representam outras culturas, menos a indígena de uma forma especial.

Novamente, a colonialidade do poder explica o ocultamento da culinária dos povos originários, pois as comidas tipicamente indígenas, como o milho, a batata e a mandioca, entre outras, apenas aparecem na Churrascaria como enfeites de outros pratos típicos ou da comida cotidiana da região.

A gastronomia cumpre, assim, seu papel de aliada do capitalismo, do lucro, da indústria de gado, lacticínios e agronegócio, sem considerar outros conceitos, como a cultura, os imaginários, a arte que os alimentos têm representado ao longo da descoberta da alimentação como cultura.

De acordo com Fagliari (2005), ao contrário da alimentação que é uma necessidade fisiológica, a gastronomia está intimamente ligada ao prazer de comer.

Dentro de uma visão mais abrangente, Araújo et al. (2005) agregam ao termo gastronomia a história cultural da alimentação e afirmam que sua essência é a mudança, a temporalidade, a visão de passado, como processo contínuo de perspectivas sobre tendências, o constante e o eventual.

Para Fischler (1995), o homem nutre-se também de imaginário e de significados, partilhando representações coletivas (...) o ato alimentar implica também em um valor simbólico, o que complexifica a questão, pois requer um outro tipo de abordagem, tudo que a gastronomia não representa para empresários e clientes não interessados em adquirir conhecimentos por meio do desfrute de alimentos.

A noção de cultura alimentar expressa o conjunto de representações, crenças, conhecimentos e práticas herdadas e/ou aprendidas que estão associados à alimentação e são compartilhados pelos indivíduos de uma determinada cultura ou grupo social. Assim, a compreensão de como se dá a adaptação a outra cultura alimentar exige considerar que o ato de ingerir um alimento não se resume a uma função biológica; enquanto fenômeno complexo, a alimentação inclui outras dimensões, como a imaginária, a simbólica e a social (CONTRERAS; GARCIA, 2011, p. 129 apud ROCHA; RIAL; HELLEBRANDT, 2013, p.188)

Compreender a gastronomia associada à cultura francesa como mais uma estrutura empresarial, também seria uma afirmação da cultura francesa. Na França, o movimento pelo turismo gastronômico criou uma identidade de que possui as melhores gastronomias do mundo, resultando em

um discurso de identidade e de pertencimento sobre tal conceito.

Assim, observa-se a ausência de consciência histórica que não permite o reconhecimento da cultura alimentar do "outro". A maioria das pessoas comem indiscriminadamente sem saber o que há por trás da elaboração dos alimentos, da sua ideia e de sua história. A partir de uma reflexão crítica, de conscientização alimentar, a gastronomia poderia ser uma ferramenta de agregação, integração, comunhão e comunicação. Entretanto, esse aspecto é pouco considerado.

> *O fato de nós sabermos que tem uma comida diferente, a gente deveria ter o interesse de conhecer, se formos estudar a história da feijoada, percebe-se que eram os restos de comida. O que não servia para os senhores, os negros aproveitavam para colocar no feijão para dar sabor. Mas em relação a outros preconceitos que a gastronomia poderia romper, são poucas as pessoas que conhecem a história. Você vai ao norte do país e existem pratos que são preparados até com saliva. Daí dá pra ter muita resistência, né?! Porque além de tudo tem a questão da secreção do "outro" que tá ali. Mas mesmo assim tem várias pessoas que consomem aquilo ali. Essas pessoas vão às tribos que tem essas práticas e consomem. Se a gente for à China, lá a alimentação tem muito a ver com necessidade de adaptação. É um país populoso, é muita gente pra alimentar. Lá barata vira comida, escorpião vira comida, cobra se passar dando bobeira vai para o prato (risos). Aqui no Brasil eu já vi gente comer sapo (ALDIRA)*

Quanto à gastronomia como fator de integração:

> *Outra coisa é que a comida não está representando os países que ali estão sendo representados. A comida é brasileira, aquela comida feita para muita gente. A comida não tem uma localização regional. Eu estava esperando muito mais do buffet. A comida não disse nada. Pelos menos algumas coisas pitorescas, né? Alguma coisa da região. (LÍDIA)*

Entendemos que a forma como as culturas dominantes invisibilizam costumes e tradições indígenas em Foz do Iguaçu está relacionada aos estigmas e preconceitos caracterizados pelos processos de interculturalidade de caráter relac Referimo-nos a uma categoria social que se coloca como superior que tenta manter no século XXI a ideia de raça, da hierarquização da sociedade que dificulta um alto grau de comunicação e inclusão entre a mesma, perspectiva diretamente ligada ao conceito relacional da interculturalidade, ao contato e intercâmbio de forma geral e básica entre culturas, forma que sempre existiu na América Latina devido à inúmera quantidade de mesclas (WALSH, VIAÑA; TÁPIA, 2010).

Implica na assimilação das culturas subordinadas dentro desta sociedade hegemônica dominante, não questionando as desigualdades sociais e culturais desses povos.

Segundo Quijano (2007), esse contexto aponta para a colonialidade do poder como sendo a estrutura capitalista que racializa e não permite ver os "outros" como iguais, tal como acontece possivelmente em Foz do Iguaçu, em que as culturas existentes há mais de um século construíram as relações sociais, políticas e culturais sob uma forte hegemonia de poder frente aos indígenas, em primeiro lugar, os que foram despojados de suas terras, de suas culturas e identidades a eles relacionadas e os reduziram a pequenos grupos que hoje lutam pela sobrevivência.

Estende-se, igualmente, aos remanescentes quilombolas presentes desde o período colonial ou da abolição da escravidão; grupos de negros cada vez mais reduzidos e localizados em pequenas parcelas ameaçadas de desaparecimento, assediados continuamente pelo agronegócio e outras empresas anteriores que depredaram a

natureza (colonialidade da natureza) e os grupos indígenas aqui localizados. ional.

5. Iporã show

Em meio ao entretenimento relativo ao circuito turístico que envolve a gastronomia, o Iporã Show, apresentado pelo Rafain Churrascaria surpreende significativamente os turistas.

O objetivo deste espetáculo é oferecer ao visitante uma atração a mais na cidade para que este possa se divertir, conhecendo a cultura e o folclore de nove países da América Latina (Paraguai, Bolívia, Peru, Chile, Uruguai, México, Argentina, Países Caribenhos e Brasil). O espetáculo apresenta a Lenda das Cataratas que pretende, na visão dos administradores, a diversidade cultural da América Latina.

Diversificado e feérico, apresenta músicas e danças do Brasil e de alguns países sul-americanos e, além da exibição de gaúchos com suas boleadeiras, flautas peruanas, danças típicas, bailados e a célebre *Don't Cry For Me Argentina*[8].

Ao final do show, apresenta-se uma coreografia sobre a música que, para o restaurante, representa a cultura nacional: um samba carioca. Conforme informações do site oficial, o show tem início com a apresentação da Lenda das Cataratas, dançada e interpretada por mais de uma dúzia de artistas, que dançam em um palco especialmente planejado com a genialidade do iluminador e cenógrafo Peter Gasper.

A referida lenda conta a história do amor proibido de Naipi e Tarobá:

> *Os índios caingangues, que habitavam as margens do rio Iguaçu, acreditavam que o mundo era governado por Mboi — um deus com forma de serpente e filho de Tupã. Igobi, o cacique da tribo, tinha uma filha, Naipi, tão bonita que as águas dos rios paravam quando a jovem índia nele se mirava. Devido à sua beleza, Naipi seria consagrada ao deus Mboi, passando a viver somente para seu culto. Havia, porém, entre os caingangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá, que se apaixonou ao ver Naipi. No dia da festa de consagração da jovem índia, enquanto o pajé e os caciques bebiam cauim (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá fugiu com a linda Naipi numa canoa que seguiu rio abaixo, arrastada pela correnteza. Ao saber da fuga de Naipi e Tarobá, Mboi ficou furioso. Penetrou as entranhas da terra, retorcendo o seu corpo e produzindo uma enorme fenda que formou as cataratas. Envolvidos pelas águas dessa imensa cachoeira, a piroga e os fugitivos caíram de uma grande altura desaparecendo para sempre. Naipi foi transformada em uma das rochas centrais das cataratas, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas. Tarobá foi convertido em uma palmeira situada à beira de um abismo, inclinada sobre a garganta do rio. Debaixo dessa palmeira acha-se a entrada de uma gruta onde o monstro vingativo vigia eternamente as duas vítimas*[9].

Ao efeito da luz, projeta-se no fundo do palco uma lua e muitas plantas diferentes, surgindo um indígena, depois uma indígena, os dois dançam suavemente, se agarram pelas mãos e finalmente se beijam. Neste momento surgem do chão, aparentemente do mato, vários indígenas e os protagonistas são rodeados pelos demais. Todos dançam e as luzes projetam nas mãos dos integrantes do show, uma serpente que todos carregam, continuam dançando até todos ficarem agachados. Finalizando, os dois protagonistas pulam

[8] Tradução livre: Não chore por mim, Argentina. Há 39 anos, no auge das óperas rock, Evita, escrita pelo músico e compositor Andrew Lloyd Webber com letras a cargo de Tim Rice, surgiu inicialmente como disco, adaptando para o universo musical a história de Evita Perón, a mulher mais famosa e de destino mais trágico do ditador argentino Juan Domingo Perón. Disponível em: <http://www.mondopop.net/2011/03/0-eterno-fascinio-de-dont-cry-for-me-argentina/>. Acesso em: 10 mai.2017.

[9] Site. Disponível em:<http://h2foz.com.br/pt/post/atrativos/brasil/lenda-das-cataratas>. Acesso em: 10 mai.2017.

entre o grupo e ficam no alto do cenário, e assim finaliza o show.

O indígena representado no show é semelhante ao descrito no Ecomuseu da Itaipu (LEDEZMA MENESES; TRÓCHEZ, 2014), que estava fadado ao desaparecimento e que na Rafain Churrascaria é representado no cenário por um grupo de dançarinos profissionais que não se parecem com os guaranis desta região das três fronteiras, todos eles e elas com corpos esculturais, com alturas superiores a qualquer indígena desta região, na maioria brancos e brancas, sendo que da coreografia formam parte dois negros.

Esse grupo representa indígenas ocidentalizados (colonialidade do ser), pois os indígenas da vida real, os turistas e os habitantes da cidade possivelmente não estariam dispostos a assistir.

> *Por que você tem que chamar alguém que não é indígena para representar o índio? É um espaço elitista, um espaço pra turista. Os indígenas são sempre representados. Não tinha um indígena ali, isso pra mim é absurdo, é achar que o indígena é incapaz. O ocultamento indígena é pensado, é a negação mesmo. O indígena tem danças lindas. Eu já participei de um ritual de dança deles, a coisa mais linda (ALDIRA)*

A representação da história dos povos indígenas na perspectiva ocidental não contempla o indígena na sua subjetividade, não coloca o indígena como protagonista da sua própria realidade, e torna-se difícil interpretar relações distintas entre o mundo natural, intrinsecamente ligado à realidade indígena, e a lógica ocidental capitalista cartesiana que enxerga o "outro" como atrasado, incapaz. Deste modo, o indígena é o único capaz de delimitar suas próprias narrativas, não importa o ambiente que estejam, estarão sempre buscando o que é deles.

O show tenta representar o indígena distante da verdadeira realidade, especialmente a vida cotidiana dos povos originários guarani da região das Três Fronteiras, semelhante aos alimentos indígenas oferecidos na Rafain Churrascaria, pois trata-se de uma culinária ameríndia inexistente.

Em relação à invisibilidade das tradições alimentares indígenas:

> *São poucas as pessoas que conhecem a história. Quem deveria contar essa história da gastronomia, Por exemplo? Qual o porquê da tapioca? Eu adoro comer tapioca, por sinal. Você vai ao nordeste naquelas orlas de Fortaleza comer tapioca e as pessoas não sabem que é um prato indígena. Todo mundo come, mas quem conta a história da mandioca? Existe até uma lenda que fala porque que o nome é tapioca. O turista vai lá comer a tapioca pensando apenas no fato de ser uma comida brasileira, mas sem saber que existe toda uma história tradicional indígena por trás: é uma raiz de uma planta que é triturada, é preparada, e vira esse pó que faz a tapioca. Mas quem conta essa história? (ALDIRA)*

No mundo das representações, afirma-se:

> *A imitação está longe da verdade e, se modela todos os objetos, é porque respeita apenas a uma pequena parte de cada um, a qual, por seu lado, não passa de uma sombra [...] O imitador não tem, portanto, nem ciência nem opinião justa no que diz respeito à beleza a aos defeitos das coisas que imita. a representação do real pela arte é pura imitação. Ele acaba, então, por propagar a desvalorização da arte, já que essa seria uma representação do mundo das aparências e das ideias, pois está longe da verdade e afastado da sabedoria. (PLATÃO, 1999, p. 325; 330 apud COELHO, 2011, pp. 89-90).*

Entrevistou-se, durante a apresentação do Show Iporã, uma indígena da etnia Guarani-Kaiowá, Clara (nome português) ou Mbo'y Jegua'i (nome indígena), que afirmou:

> *Eu vejo que, por eles estarem nessa cena, e por eles estarem representando alguma lenda das cataratas, muitos não indígenas ainda vêm principalmente as coisas que a gente vive dentro da cultura como uma lenda mesmo né, sempre digo isso. Para nós, muitas vezes a lenda que eles chamam, para nós é muito mais valorizado e tem mais outro sentido. Fiquei surpresa, me impressionei muito com a forma que eles estão tentando mostrar ou visibilizar o que é a lenda por parte deles. E já pra mim, as Cataratas são muito mais do que a lenda, pra mim como indígena, a gente tem mais história, a gente acredita mais que a catarata realmente não é só uma natureza, é uma casa, aí existem várias pessoas pra nós. Então, juntando a cena que eles estão fazendo, muito legal por parte deles, mas uma coisa eles não conseguiram colocar na cena deles, que é a espiritualidade que a gente sente, quando a gente vê o que é as cataratas para nós (CLARA/MBO'Y JEGUA'I)*

Remetendo ao conceito da colonialidade do saber de Lander (2005[10]), o que para a Rafain Churrascaria representa uma Lenda, para os indígenas significa a sua vida, pois é a sua realidade que na lenda aparece totalmente desvirtuada.

Lendas e mitos não apenas para o restaurante, pois esta narrativa é reproduzida nas escolas públicas de Foz do Iguaçu, sendo que em algumas destas, a lenda é exposta em painéis desmedidos na entrada da escola, em que crianças e adolescentes param para verificar o lugar dos indígenas no meio da exuberância da natureza, como sendo parte do mundo selvagem, segregados do mundo civilizado, do mundo ocidentalizado dos mestiços e brancos, tal como na seguinte fotografia:

Figura 2 Painel Lenda das Cataratas do Iguaçu – Escola Altair Ferrais

Fonte: Acervo pessoal do Autor.

Enfatizando a tradição Guarani-Kaiowá delimitada pelo imaginário ocidental, Mbo'y Jegua'i retrata suas percepções:

> *Muitas pessoas consideram que a gente não consegue mais preservar as nossas tradições. Eu vejo que a cultura principalmente, está em primeiro lugar*

[10] "A conquista ibérica do continente americano é o momento inaugural dos dois processos que articuladamente conformam a história posterior: a modernidade e a organização colonial do mundo. Com o início do colonialismo na América inicia-se não apenas a organização colonial do mundo mas –simultaneamente– a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória (Mignolo, 1995) e do imaginário (Quijano, 1992). Dá-se início ao longo processo que culminará nos séculos XVIII e XIX e no qual, pela primeira vez, se organiza a totalidade do espaço e do tempo – todas as culturas, povos e territórios do planeta, presentes e passados – numa grande narrativa universal. Nessa narrativa, a Europa é –ou sempre foi– simultaneamente o centro geográfico e a culminação do movimento temporal. Nesse período moderno primevo/colonial dão-se os primeiros passos na articulação das diferenças culturais em hierarquias cronológicas (Mignolo, 1995) e do que Johannes Fabian chama de a negação da simultaneidade (negation of coevalness). Com os cronistas espanhóis dá-se início à "massiva formação discursiva" de construção da Europa/Ocidente e o outro, do europeu e o índio, do lugar privilegiado do lugar de enunciação associado ao poder imperial. Cf. LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocéntricos. In: _____.(Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, setembro de 2005.

> *para os povos indígenas guarani, e eu vejo as nações guaranis não só como nação, entre os quatro países que existem (Bolívia, Paraguai, Argentina e o Brasil), os guaranis são mais do que nações, são patrimônio de cada Estado, de cada país. Então eu vejo que o guarani apesar de ser uma nação, não é totalmente valorizado, e realmente estão sendo visibilizados como se fossem apenas um povo, não como nações, então muitas vezes eu vejo isso entre os quatros países, que os povos indígenas guarani realmente estão sendo menos valorizados (Mbo'y Jegua'i, Grifo nosso)*

Entrevistou-se, na mesma apresentação, a colombiana Licet, de uma região denominada Cauca, município de Morales, terra de imigrantes indígenas Misak, conhecidos como Guambianos. Herdeira de tradições camponesas e indígenas, manifesta-se contrária às representações indígenas do referido show:

> *Oportunismo con las cuestiones indígenas, pues cada vez que se quiere vender o promocionar algo, entonces se apela ao indígena, como esa forma de espectáculo, como personas que existieron em um passado distante cuando se formaron las Cataratas, pero que hoy em día ya no están más, y es mentira, hoy em día todavia están ai os guaraní, los que fueron desalojados de las áreas de Las Cataratas, del Parque Nacional, y así presentar esse espectáculo me parece uma doble moral, ante um mundo de gente, como que que lindo, pero hoy em día no se le dan visibilidade a los indígenas que todavia existen (...) y que muchas veces los encontramos pidiendo limosna em la calle, cuando nos bajamos del bus, sin que nadie se importe com eso (...) y por eso afirmo, lo indígena se rescata cuando representa interés, pero como aquel indígena que existió historicamente, pero que ya no existe más, olvidando que todavia existimos (LICET)*

A construção das identidades culturais em Foz do Iguaçu é representada em determinados contextos históricos pautados no estereotipo sobre o imaginário indígena. O indígena enquanto categorias torna-se objeto de representação construída pelo ocidente que possibilita o ocultamento de sua história, bem como o uso de sua imagem para fins capitalistas, como na imagem dos indígenas na frente do Rafain Churrascaria em que os guaranis são usados como vitrine capitalista.

Figura 3 Exterior da Churrascaria Rafain

Fonte: Acervo pessoal do Autor.

Quanto à representação indígena no show, o *maitre* Monteiro disse:

> *Trabalhamos para incorporar eles. Não sei se você observou que aí na recepção têm os índios do Paraguai e da Argentina vendendo seus artesanatos na entrada da churrascaria. Tem uma integração bem gostosa com eles também (MONTEIRO)*

A Rafain Churrascaria, mediante a promoção da gastronomia, que envolve shows, danças e músicas de diferentes países, permite apenas uma relação entre culturas nacionais, e, em poucos casos, regionais, invenções do capitalismo e dos Estados nacionais que assim dividiram, estigmatizaram e segregaram as múltiplas culturas e identidades latino-americanas, uma vez que criou Estados e

inventou nacionalidades, Estados, províncias, departamentos e municípios, todos com um caráter oficial.

Não é possível afirmar, plenamente, que a Rafain Churrascaria promove a interculturalidade relacional, pois isso seria aceitar que aquilo que foi representado nas coreografias, música e dança seriam culturas, pois entendemos que as culturas são aquelas forjadas ao longo de processos e transformações históricas, e não aquelas que o Estado nacional e o capitalismo impuseram. A estas, poderíamos nomear de tradições inventadas, pois tal como o nacionalismo, que Hobsbawm assim, as culturas foram criadas para sustentar a ideia de Estado.

A Rafain Churrascaria insiste que se trata da integração entre as culturas de América Latina, sob o ponto de vista dos empresários responsáveis pela promoção da gastronomia, que estariam dando a conhecer, para sua clientela, culturas e identidades de cada um dos países das América Latina, nos dois shows principais.

Entretanto, assim como os indígenas guarani são estereotipados pela gastronomia do restaurante, não permitindo uma verdadeira integração entre turistas, moradores da cidade e dos indígenas, assim acontece com as culturas estereotipadas: paraguaia, mexicana, argentina, uruguaia, etc. Estas culturas não remetem à realidade dos paraguaios, argentinos, chilenos, entre outros moradores de Foz do Iguaçu que diariamente enfrentam seus problemas cotidianos no meio de um pretenso multiculturalismo da cidade.

Como então a Rafain Churrascaria poderia, por meio da gastronomia, promover a integração entre as culturas em Foz do Iguaçu, quando os seus shows, danças, músicas e comidas distam da realidade concreta e do significado de ser morador de Foz do Iguaçu, culturas que como as dos paraguaios são invisibilizadas, pois a mesma gastronomia ofertada na cidade carece de propostas de restaurantes dos países vizinhos, a não ser pelo estigma que representa La Parrillada Argentina, vendida tanto em Puerto Iguaçu como em Foz do Iguaçu, mas, aqui conhecida como Churrasco, que também é comida típica do Rio Grande do Sul. O que restou das tradições alimentares paraguaias são a Chipa e a Sopa paraguaias, que o morador encontra na maioria de cafeterias ou padarias da cidade.

Uma leitura atenta à gastronomia ofertada na Rafain Churrascaria permite refletir sobre a interculturalidade relacional ou pluriculturalidade, uma vez que, além de obviar a dimensão relacional entre estas culturas nacionais, cria um clima de tolerância entre as mesmas como eixo da problemática multicultural, mas, ao mesmo tempo, "oculta la permanencia de las desigualdades sociales, así que deja intactas las estructuras y las instituiciones que privilegian a unos sobre otros." (WALSH, 2009, p.128).

Ou seja, o restaurante, ao trabalhar com culturas estereotipadas de nacionalidades e de indígenas aos que não considera nações, não permite uma crítica ao sistema dominante que oprime, explora e violenta a indígenas guarani, paraguaios e paraguaias usadas e usados como mão-de-obra barata na cidade de Foz do Iguaçu, ou bolivianos menosprezados aqui ou em qualquer lugar do Brasil.

Devemos ter em conta que a interculturalidade relacional referencia, de forma geral, o contato e intercâmbio entre culturas, ou seja, entre pessoas, práticas, saberes, valores e tradições culturais distintas, os que poderiam dar-se em condições de igualdade ou desigualdade.

Porém, "el hecho de que la identidad nacional se ha construido sobre esta dominación racial-relacional, complejiza más aún el assunto. " (WALSH, 2012, p. 63).

As culturas representadas como paraguaia, argentinas brasileira, mexicana, peruana ou boliviana não permite, reconhecer uma cultura andina, por exemplo, que envolveria vários países ou regiões da cordilheira dos Andes.

Nesse contexto, a diferença parece ser tratada como um valor em si, porém a cultura é um todo, reconhecida pela antropologia clássica, e não apenas uma roupa, dança, música ou comida típicas de países ou regiões. (LORENZET; CARPENEDO, 2012).

Assevera Malinowski (1970, p.41), que "a cultura é um sistema que envolve a totalidade do substrato material de um povo, isto é, os objetos, as atividades e atitudes, no qual cada uma das partes existe como um meio para um fim".

A interculturalidade relacional se faz presente também na comida ofertada na Rafain Churrascaria, em que a carne que representa o Rio Grande do Sul, mas, também a Argentina, faz parte do restaurante como sendo o prato hegemônico.

A carne representa uma das indústrias mais representativas do Brasil e da Argentina. O churrasco, dessa forma, se relaciona com outras comidas, que, no cenário do bufete, aparecem como enfeite, ou de segunda categoria, tal como saladas, ou a conhecida maionese, feita com base na batata cozida, também aparecem a mandioca frita e cozida, o milho e outra variedade de frutas e legumes que fazem parte das tradições alimentares indígenas, as que se relacionam com as comidas mais nobres, porém de forma secundária nessa interconexão entre alimentos.

Cada comida, feita de diferentes ingredientes procedentes de diversas culturas que se relacionam ao confluir num único prato, que leva o consumidor a um passeio por diferentes culturas de América Latina e do Brasil, ou de outros países da África e da Ásia, pois a Rafain Churrascaria oferece comidas japonesas e árabes também.

A gastronomia não representa a região, ela está distante de fazer seu papel de integradora, pois assim como os shows, a gastronomia tem que apelar ás tradições culinárias de outras culturas, como o churrasco argentino e os pratos típicos árabes e japoneses que são ofertados.

A inexistência de uma tradição culinária local também faz com que a Rafain Churrascaria esteja longe de um consenso sobre a integração entre a cidade, os turistas e o entorno, corroborado pela narrativa de Rulian Rorato, ex-chef de cozinha do restaurante Laos:

> *Sobre o patrimônio cultural gastronômico, eu sei que a questão de pratos típicos depende de cada região, por exemplo, aqui na cidade existe o Pirá de Foz, o dourado e afins, mas nada tão elaborado e bem feito como em Salvador ou Belo Horizonte, onde já há um histórico e uma cobrança por parte de quem propaga a cultura gastronômica. Morei em BH e sei como a população tem orgulho e defende a questão cultural que a alimentação acarreta (cachaça, goiabada cascão, etc.) (RORATO)*

Detectou-se outro tipo de interculturalidade na Rafain Churrascaria, que Walsh considera interculturalidade funcional ou multiculturalismo. O último conceito refere-se à manipulação do Estado neoliberal que, desde a década de 1990, tem exercido em diferentes países, primeiro na Europa e depois na América Latina, tentando incluir grupos denominados periféricos ao Estado capitalista, porém, semelhante à interculturalidade relacional, sem questionar a existência e o privilégio de uma cultura nacional hegemônica sobre as culturas indígenas e negras, inclusive a influência exercida sobre grupos como GLBT, entre outros.

Nesse sentido, podemos verificar uma integração de forma funcional promovida pela Rafain Churrascaria ao tentar manipular o conceito de cultura e aplica-lo à gastronomia oferecida. O local promove a integração latino-americana sem dar a conhecer algum vestígio da forma como os indígenas, paraguaios e outras culturas são tratadas ou maltratadas desde os primórdios da cidade, fundada em 1914.

Promove-se uma integração funcional ao capitalismo, em que empresários repetem um espetáculo

imutável há mais de 15 anos, como se as culturas fossem peças estáticas, sem história.

> *A nuestra segunda perspectiva de interculturalidad la podemos denominar funcional, siguiendo los planteamientos del filósofo peruano Fidel Tubino. La perspectiva de interculturalidad se enraíza en el reconocimiento de la diversidad y diferencias culturales, con metas a la inclusión de la misma al interior de la estructura social establecida. Desde esta perspectiva - que busca promover el diálogo, la convivencia y la tolerância -, la interculturalidad es "funcional" al sistema existente, no toca las causas de la asimetría y desigualdad sociales y culturales, tampoco "cuestiona las reglas del juego", por eso "es perfectamente compatible con la lógica del modelo neoliberal existente" (TUBINO, 2005 apud WALSH, 2010, p. 3).*

Considerações finais

A gastronomia pode contribuir na interação e integração entre culturas diferenciadas dependendo do modo como é empregada.

A América Latina é rica na diversidade cultural e alimentação com os pratos típicos de cada país e/ou região que são conhecidos mundialmente. Porém, a proposta gastronómica da Rafain Churrascaria obedece ao lugar em que se encontra localizada, fronteiras em que várias identidades lutam entre si pela sobrevivência, reconhecimento e a criação de um espaço que lhes permita ultrapassar as barreiras da modernidade que as invisibiliza, pulveriza ou as torna voláteis.

Nessa luta, encontra-se a cultura local, comandada por uma elite que se construiu ao longo de um século, desde a fundação da cidade de Foz do Iguaçu, agregando os pioneiros da hotelaria e do turismo, que representam a cidade para os turistas e a sociedade de Foz do Iguaçu, mas que carece de força histórica para prevalecer frente a outras culturas milenares como a árabe ou japonesa.

Nesse contexto, a família Rafain tenta ser a representante de uma cultura local, atraindo a atenção de milhares de turistas, apresentando culturas estereotipadas da América Latina e da região, tentando fazer uso das comunidades guarani para promover uma identidade local, porém, por meio do Show Iporã não consegue, ao tornar o espetáculo sobre os guaranis estereotipado.

Verificou-se que a interculturalidade permanece como sendo de caráter relacional e também funcional ao lucro, no *ethos* por vezes caótico da centenária Foz do Iguaçu.

BIBLIOGRAFIA

SCHWARTZMAN, Simon. Policies for Higher Education in Latin América: The context. Higher Education, v.25, n.1, p.9-20, 1993.

ARAÚJO, Wilma Maria Coelho. Da alimentação à gastronomia. Brasília: UnB, 2005. 101p.

CARVALHO, Élcio Aparecido. 100 anos de Foz do Iguaçu: a importância da cidade para o Mercosul. Rev. Orbis Latina, Foz do Iguaçu, v.5, n.1, jan-dez, 2015. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/index.php/orbis/article/view/430/377>. Acesso em: 08 mai.2017.

CONTRERAS, Jesús; GARCIA, Mabel. Alimentação, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005. 496p.

DUARTE, Geni Rosa; GONZALES, Emilio. A construção de si e do (no) outro: deslocamentos de músicos na Tríplice Fronteira (Brasil / Argentina / Paraguai). Espaço Plural, Cascável/PR, ano 10, n.20, p. 120-129. 2009. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_NX6YCewTqcJ:e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/2464/1862+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.Acesso em: 10 mai.2017.

FAGLIARI, Gabriela Scuta. Turismo e alimentação: análises introdutórias. São Paulo: Roca, 2005. 216p.

FUJIMOTO, Alexandre S. H. & GASTALDO, Jackson Luis. O desenvolvimento sustentável do turismo gastronômico nipônico em Foz do Iguaçu. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 5, 2016, Foz do Iguaçu. Anais. Foz do Iguaçu/PR. Disponível em: <http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2014/01/9.-O-DESENVOLVIMENTO-SUSTENT%C3%81VEL-DO-TURISMO-GASTRON%C3%94MICO-NIP%C3%94NICO-EM-FOZ-DO-IGUA%C3%87U.pdf>. Acesso em: 14 mai.2017.

LEDEZMA MENESES, Gerson Galo. Del "descubrimiento" y la conquista del oeste del Paraná , hasta la construcción de Itaipú. La visión de tiempo de una sociedad eurocêntrica. Sures, v. 1, n. 4. 2014.

Disponível em: < https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/232/195>. Acesso em: 02 mai.2017.

LORENZET, Deloíze; CARPENEDO, Vera Danair. Multiculturalismo, Intercultura e as Políticas Afirmativas. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul/RS. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2012. Disponível em:

<http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Cultura_e_Relacoes_Etnico_Raciais/Trabalho/06_29_20_951-6863-1-PB.pdf >. Acesso em: 12 mai.2017.

MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 235p.

MARTINS, Lavínia Raquel Martins de; RUSCHMANN, Doris van de Meene. Desenvolvimento histórico turístico estudo de caso: Foz do Iguaçu/PR. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 6., 2010, Caxias do Sul. Anais...Caxias do Sul/RS: UCS, 2010. Disponível em:

<http://www.ucs.br/ucs/tplSeminTur2010/eventos/seminario_de_pesquisa_semintur/anais/gt05/arquivos/05/Desenvolvimento%20Historico%20Turistico%20Estudo%20de%20Caso%20Foz%20do%20Iguacu.pdf>. Acesso em: 14 mai.2017.

OLIVEIRA, Nara. Foz do Iguaçu Intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2012. 191p.

COELHO, Kamilla Kristina Sousa França. A representação e o real em Michel Foucault. Rev. Virtual de Letras, Goiás, v.3, n.1, jan./jul, 2011, pp. 89 - 90. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/77.pdf>. Acesso em: 16 mai.2017.

PRIORI, Angelo et al. História do Paraná: séculos XIX e XX [online]. Maringá: EDUEM, 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-07.pdf>. Acesso em: 07 mai.2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificación social". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. (Eds.). El giro decolonial: Reflexiones para una diversidade epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.

ROCHA, Carla Pires Vieira da; RIAL, Carmen Silvia; HELLEBRANDT, Luceni. Alimentação, globalização e interculturalidade alimentar a partir do contexto migratório. Cad. Pesq. Interdisc. Cienc. Hum., Florianópolis,v. 14, n. 105. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2013v14n105p187/26125> Acesso em: 12 mai.2017.

SILVA, Sioneia Rodrigues. Astronomia guarani como ferramenta para os processos de interculturalidade. 2016. 126f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina, Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, UNILA, Foz do Iguaçu/PR. 2016. Disponível em:

<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/671/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20V.2_SIONEIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 mai.2017.

SPERANÇA, Alceu. Histórias e Crônicas escritas por pioneiros. [s.d] [online]. Disponível em:<http://www.fag.edu.br/nucleos/nh/histcro.htm>.

Acesso em: 15 mai.2017.

SKIDMORE, Thomas. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. 400p.

TUBINO, Fidel. La interculturalidad crítica como proyecto ético-político. 2005. Disponível em: <https://oala.villanova.edu/congresos/educacion/lima-ponen-02.html>. Acesso em: 01 mai.2017.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, pluralidad e decolonialidad: las insusurgencias político-epistemicas de refundar o Estado. In: Tabula Rasa, vol. 9, 2008, pp. 131-152.

Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a09.pdf>. Acesso em: 10 mai.2017.

_____. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. Visão Global, Joaçaba/SC, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012. Disponível em:

<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/article/download/3412/1511.>.

_____. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA URZIEDA, Jorge; TÁPIA MEALLA, Luis; _____.(Orgs.) Construyendo interculturalidad crítica. La Paz: CAB, 2010. pp. 75 - 96.

_____. *Interculturalidad, Estado y Sociedad. Luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Editora Abya-Yala, 2009.*

WACHOWICZ, Ruy. História do Paraná. 9.ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná,

2001.